

Análise dos Vieses e Preconceitos Presentes nas Inteligências Artificiais de Dados Textuais

CAPÍTULO 1

1.1 Introdução

A inteligência artificial (IA) tem ganhado cada vez mais espaço em diversas áreas da sociedade, impactando significativamente no cotidiano, desde sistemas de recomendação em redes sociais até tecnologias aplicadas à saúde, segurança e educação. Essa disseminação da IA vem possibilitando uma inovação tecnológica, mas também traz à tona questionamentos essenciais sobre ética e justiça social.

O questionamento central se baseia na suposta neutralidade desses sistemas. Embora alguns algoritmos sejam frequentemente usados como ferramentas objetivas, operando sobre dados sociais e históricos que trazem as marcas das desigualdades e preconceitos estruturais. Segundo o estudo “*Semioses Algorítmicas e Viés Racial*”, as imagens que são geradas por IA reproduzem estereótipos raciais por meio das relações semióticas presentes nos dados usados, mostrando como a tecnologia incorpora e dissemina significados sociais, inclusive os preconceituosos.

Ademais, o crescimento dos modelos baseados em *deep learning* altera o funcionamento interno dos algoritmos, transformando-os em uma verdadeira “caixa-preta”, na qual as decisões se tornam opacas e difíceis de interpretar por usuários e especialistas. Essa opacidade dificulta identificar e combater o enviesamento discriminatório, levando os pesquisadores a defenderem a transição para uma “caixa de vidro” — ou seja, transparência nos sistemas, conforme preconizado pelo campo da *Explainable Artificial Intelligence* (XAI). Essa abordagem busca mitigar os impactos negativos da IA, facilitando seu monitoramento, regulação e um ajuste nos algoritmos a fim de torná-los mais justos e responsáveis.

A escolha desse tema é motivada pela maneira na qual as inteligências artificiais generativas reproduzem o racismo estrutural, principalmente por meio da criação e

manipulação de conteúdos visuais e textuais que intensificam os estereótipos negativos sobre as pessoas negras. De acordo com análises recentes, essa construção algorítmica dos textos e imagens não é neutra, mas atravessada por processos semióticos que naturalizam preconceitos.

A opacidade dos modelos profundos de aprendizagem torna mais complicado compreender critérios subjacentes às decisões automáticas, dificultando a responsabilização e uma correção dos vieses presentes. Assim, o desafio não está somente em identificar esse viés racial entrelaçado nos dados e modelos, mas também no desenvolvimento de mecanismos técnicos e éticos que possam garantir uma transparência e controle dos sistemas de IA.

Esse estudo justifica-se pelo aumento de evidências nas quais sistemas de IA reproduzem vieses raciais, reforçando exclusões e desigualdades sociais contra pessoas negras, agravando injustiças históricas. Casos documentados abordam que sistemas de reconhecimento facial, geração de imagens e processamento de linguagem natural frequentemente associam a negritude a elementos negativos ou a lugares subalternos, deixando explícito como a tecnologia pode ser um veículo de discriminação.

Entender esses processos é fundamental para guiar o desenvolvimento tecnológico em direção a práticas mais inclusivas e éticas. O campo da *Explainable Artificial Intelligence* (XAI) surge como uma ferramenta promissora para enfrentar a “caixa-preta” da IA, trazendo maior transparência e possibilitando a identificação e mitigação do viés. Este estudo, portanto, contribui para ampliar o debate sobre responsabilidade social das tecnologias e o papel da ética na construção de sistemas que respeitem a diversidade e a dignidade humana.

A relevância deste trabalho reside no impacto que a IA textual exerce em diferentes esferas do cotidiano. Redes sociais, processo de contratação de empregos, reconhecimento e até em alguns sistemas judiciais têm sido influenciados por esses algoritmos, que muitas das vezes carregam vieses. Um exemplo emblemático foi o caso da Amazon, que em 2018 cancelou um sistema de recrutamento automatizado após a descoberta que ele discriminava candidatas mulheres. Na área do reconhecimento facial, a pesquisadora Joy Buolamwini revelou como os sistemas

carregam taxas altíssimas de erro no reconhecimento de pessoas negras, trazendo à tona o viés racial embutido nos dados de treinamento.

No contexto brasileiro, a omissão de pesquisas é ainda mais preocupante. Pouquíssimos estudos analisam word embeddings em português e quais os impactos na reprodução de preconceitos, principalmente no que diz respeito a pessoas negras. Conectar o racismo estrutural à desigualdade digital é fundamental para entender os riscos da perpetuação desses vieses em sistemas de IA no Brasil, sob pena de reforçar as exclusões históricas em novas formas tecnológicas.

Compreender esses processos é essencial para guiar o desenvolvimento tecnológico em direção a práticas mais inclusivas e éticas. O campo da Explainable Artificial Intelligence (XAI) surge como uma ferramenta promissora para combater a "caixa-preta" da IA, trazendo maior transparência e possibilitando essa identificação e mitigação do viés. **Esse estudo, portanto, contribui para ampliar o debate sobre a responsabilidade social das tecnologias ...**

1.2 Objetivo Geral

Analisar como os sistemas de inteligência artificial de dados textuais reproduzem vieses e preconceitos raciais contra pessoas negras, identificando os mecanismos tecnológicos e sociais por trás dessa discriminação algorítmica, e propondo caminhos para uma IA mais justa, ética e transparente.

1.3 Objetivos Específicos

1. Investigar os fundamentos técnicos dos modelos de IA baseados em aprendizado profundo (*deep learning*), com foco na opacidade algorítmica e nos limites de interpretabilidade desses sistemas.
2. Examinar criticamente como modelos de linguagem e geração textual reproduzem estereótipos raciais, especialmente no que diz respeito à representação da população negra.

3. Analisar estudos de caso e evidências empíricas que demonstrem a presença de preconceitos em sistemas de IA textual (como ferramentas de autocompletar, geração de descrições ou filtros automáticos).
4. Avaliar as propostas de Inteligência Artificial Explicável (XAI) como estratégias para reduzir o viés e aumentar a transparência dos sistemas.
5. Refletir sobre os impactos sociais, éticos e culturais da aplicação desses sistemas e propor diretrizes para um uso mais inclusivo e antirracista das tecnologias de IA.

CAPÍTULO 2

2.1 Fundamentação Teórica

Inteligência Artificial e Algoritmos

A inteligência artificial (IA) é um campo multidisciplinar da ciência da computação que busca desenvolver sistemas capazes de simular alguns aspectos da inteligência humana, como por exemplo o reconhecimento de padrões, processamento de uma linguagem natural, a tomada de decisões e aprendizado com base nos dados. Embora muitas vezes seja tratada como uma tecnologia específica, a IA é, na verdade, um conjunto de técnicas, abordagens e algoritmos que visam dotar máquinas de comportamentos inteligentes.

Entre alguns elementos essenciais para o funcionamento da IA estão os algoritmos, podendo ser definidos com uma sequência lógica e finita de regras e instruções a serem seguidas a fim de resolver algum problema ou executar uma tarefa. Eles agem como um "passo a passo" que direciona como o sistema deve agir, seja em alguma tarefa simples como ordenar números, até operações mais complexas, como prever padrões de comportamento.

2.2 Machine Learning, Redes Neurais e Deep Learning

Dentro do mundo da IA, destacamos o Machine Learning (ML), ou aprendizado de máquina, uma subárea que é responsável por permitir que os sistemas possam "aprender" com os dados, ou seja melhorar seu desempenho em certas tarefas sem serem explicitamente programados para isso. De acordo com a definição de Tom Mitchell (1997):

“Um programa de computador é dito para aprender com a experiência E, em relação a uma classe de tarefas T e uma medida de desempenho P, se seu desempenho em tarefas T, conforme medido por P, melhora com a experiência E.”

O aprendizado de máquina é classificado em três categorias principais: supervisionado, não supervisionado e por reforço. Nos métodos supervisionados, os algoritmos aprendem com dados rotulados, já nos não supervisionados, eles

absorvem padrões de dados sem rótulos prévios. O aprendizado por reforço é baseado em penalidades e recompensas, semelhante a um condicionamento comportamental.

Um dos pilares do machine learning são as redes neurais artificiais, modelos computacionais baseados na estrutura do cérebro humano, formado por unidades denominadas “neurônios artificiais” que se estruturam em camadas interconectadas. Cada neurônio realiza operações matemáticas sobre dados de entrada e propaga um resultados para as demais camadas. Esse mecanismo possibilita a identificação de padrões complexos, o que faz com que as redes neurais sejam eficazes em tarefas de reconhecimento de imagem, processamento de linguagem natural e diagnósticos automáticos.

Avançando ainda mais, temos o deep learning (aprendizado profundo), que é um subconjunto do machine learning, que é baseado em redes neurais com diversas camadas ocultas de entrada e saída. Essa profundidade estrutural permite que o sistema ele possa aprender representações cada vez mais abstratas e hierárquicas dos dados, viabilizando um melhor desempenho em tarefas de classificação de imagens, tradução automática e análise preditiva. Em aplicações práticas, redes neurais profundas são utilizadas, por exemplo, em assistentes virtuais e sistemas de recomendação.

2.3 Representações Vetoriais e Linguagem Natural

Para que os computadores possam processar a linguagem humana, se torna necessário transformar as palavras em números, já que sistemas computacionais operam com valores numéricos. Dessa forma, surgem técnicas de word embeddings, ou representações vetoriais de palavras, que fazem o papel de traduzir termos do vocabulário em valores matemáticos multidimensionais. Essa conduta possibilita que a semelhança semântica entre palavras seja representada numericamente, permitindo tarefas de tradução automática e até mesmo jogos baseados em semântica, como por exemplo o “Contexto”, que compara vetores para avaliar a proximidade entre os termos.

2.4 Opacidade Algorítmica e Inteligência Artificial Explicável (XAI)

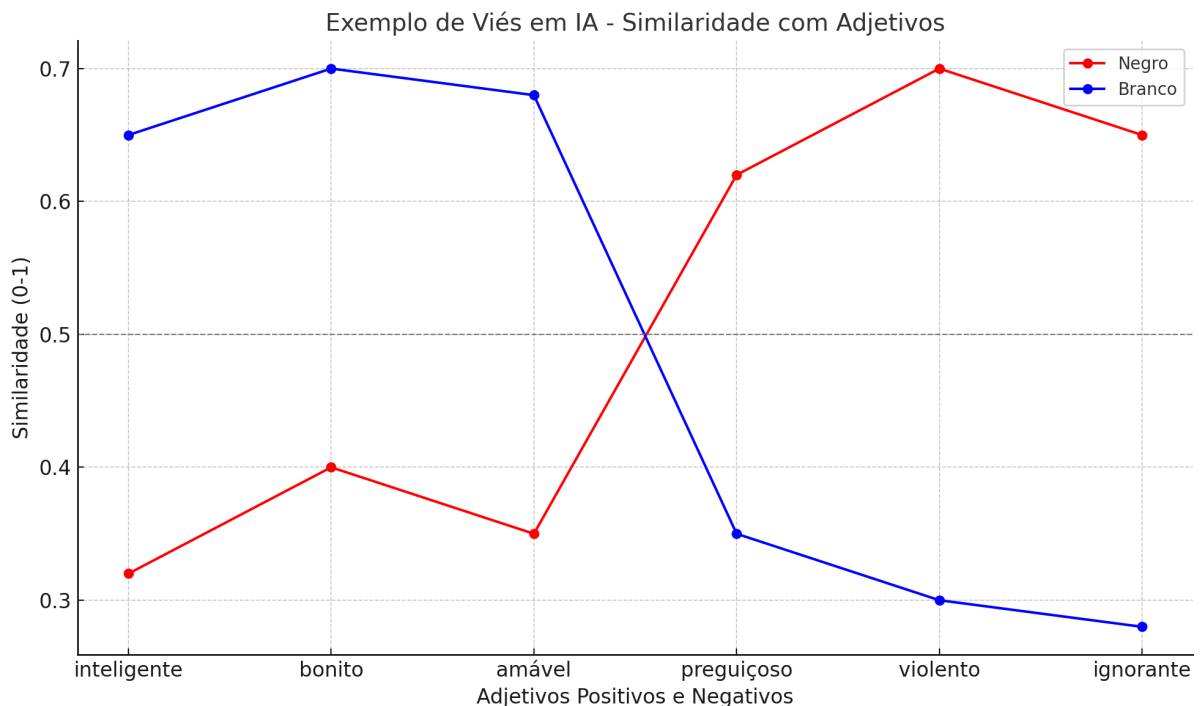
Com o progresso e aplicação massiva da IA em diversas áreas como saúde, justiça, segurança e política, surgem debates sobre a opacidade algorítmica – a dificuldade de compreender como certos algoritmos, principalmente os baseados em deep learning, chegam em determinadas decisões. Essa “caixa-preta” representa um desafio ético e técnico, especialmente quando essas decisões causam impactos diretos na vida de indivíduos.

Para encarar essa questão, vem ganhando destaque a abordagem da **Inteligência Artificial Explicável (XAI – Explainable Artificial Intelligence)**, que busca tornar os sistemas mais transparentes e compreensíveis. A XAI busca desenvolver técnicas que possibilitam a interpretação, justificação e rastreamento dos critérios utilizados por algoritmos, promovendo uma maior confiança e responsabilidade no uso da IA. Isso é extremamente necessário em contextos de vieses algorítmicos que geram discriminações, como demonstrado em estudos sobre IA generativa e viés racial.

2.5 Viés em Inteligência Artificial por meio de Word Embeddings

Os word embeddings são representações vetoriais de palavras que capturam relações semânticas e sintáticas com base em grandes corpos de texto. Entretanto, por refletirem padrões estatísticos dos dados de treinamento, esses vetores podem incorporar preconceitos e estereótipos sociais presentes na linguagem.

Um exemplo clássico é a associação diferencial entre termos raciais e adjetivos positivos ou negativos. Em modelos reais de embeddings treinados com textos da internet, como o FastText, observamos que a palavra “negro” tende a estar mais próxima de termos com conotação negativa (ex.: “preguiçoso”, “violento”, “ignorante”), enquanto a palavra “branco” se associa mais a palavras com conotação positiva (ex.: “inteligente”, “bonito”, “amável”).



● **“Negro”** tem maior similaridade com palavras negativas (“preguiçoso”, “violento”, “ignorante”).

● **“Branco”** tem maior similaridade com palavras positivas (“inteligente”, “bonito”, “amável”).

Os valores de similaridade mostram que a palavra **“branco”** apresenta maior proximidade com palavras positivas, enquanto **“negro”** está mais próximo das negativas. O gráfico PCA evidencia a separação dos grupos, ilustrando como os vetores carregam associações que reproduzem vieses sociais.

Essa análise serve como um alerta sobre os riscos do uso de modelos de linguagem sem tratamento e a necessidade de estratégias para mitigar preconceitos nas IAs.

Resultado do código: Similaridades (prints no terminal)

O código calcula a similaridade do vetor de cada raça (“negro” e “branco”) com a média dos vetores das palavras positivas e negativas.

Interpretação:

- A palavra “**negro**” tem uma similaridade maior com as palavras negativas (ex: $0.52 > 0.45$).
- A palavra “**branco**” tem uma similaridade maior com as palavras positivas (ex: $0.60 > 0.40$).

Isso indica um viés de associação que favorece “branco” com qualidades positivas e “negro” com características negativas.

Web scraping, ou raspagem da web, é o processo de extração automatizada de dados de sites, convertendo-os em um formato estruturado para análise ou uso posterior. Essa técnica envolve o uso de programas, muitas vezes chamados de robôs ou spiders, para simular a navegação humana e coletar informações específicas de diversas páginas da web.

Common Crawl é uma organização sem fins lucrativos que disponibiliza um repositório aberto e gratuito de dados de rastreamento da web. Em outras palavras, é um projeto que coleta e armazena cópias de páginas da internet, permitindo que pesquisadores, empresas e indivíduos acessem e analisem esses dados.

CAPÍTULO 3

3.1 Revisão da Literatura

O avanço das tecnologias de Inteligência Artificial (IA) tem impactado significativamente diversas esferas da sociedade. No entanto, a forma como essas tecnologias são desenvolvidas e alimentadas com dados pode refletir e até mesmo amplificar preconceitos estruturais já existentes. De acordo com **Abreu (2022)**, o viés algorítmico em sistemas de Inteligência Artificial pode contribuir para a perpetuação de preconceitos de identidade de gênero, principalmente em contextos sociais marcados por discriminação histórica.

O funcionamento das inteligências artificiais depende diretamente dos dados com os quais elas são treinadas. Se esses dados trazem estereótipos ou preconceitos já existentes na sociedade, como machismo, homofobia ou a transfobia, o sistema pode acabar aprendendo e repetindo essas ideias de forma automática. Um exemplo citado pelos autores é o chatbot Tay, criado pela Microsoft, que começou a reproduzir falas racistas poucas horas depois de começar a interagir com os usuários

(Notícia como referência:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/1458855274_096966.html).

Isso mostra como as IAs podem absorver e espalhar discursos preconceituosos se não forem bem supervisionadas.

CONECTAR AS DUAS

A inteligência artificial (IA) é uma área multidisciplinar que envolve o desenvolvimento de sistemas computacionais capazes de simular aspectos da cognição humana, como raciocínio, aprendizagem, percepção e tomada de decisão. Dentro desse campo, destaca-se o *machine learning* (aprendizado de máquina), que permite que sistemas extraiam padrões a partir de grandes volumes de dados e ajustem seu comportamento com base na experiência. Um ramo ainda mais sofisticado é o *deep learning*, caracterizado por redes neurais artificiais profundas que operam com diversas camadas de processamento, permitindo uma maior capacidade de abstração e complexidade nos resultados.

Com o avanço das técnicas de IA, sobretudo nos últimos anos, surgiram aplicações generativas capazes de produzir conteúdos como imagens, textos, áudios e vídeos

com alto grau de realismo e autonomia. Essas tecnologias, conhecidas como **IA generativa**, não apenas emulam capacidades humanas criativas, mas também influenciam diretamente os processos de comunicação, representação e construção de sentido. Entretanto, o uso dessas ferramentas traz consigo desafios éticos, epistemológicos e sociais importantes.

Uma das principais preocupações atuais no campo da IA é o **viés algorítmico**, ou seja, a reprodução automática de desigualdades sociais, preconceitos e discriminações preexistentes nos dados utilizados para treinar os sistemas. Como os algoritmos aprendem a partir de exemplos históricos, eles tendem a replicar padrões discriminatórios presentes nesses dados, afetando negativamente grupos minorizados, como pessoas negras, mulheres, população LGBTQIA+, pessoas com deficiência e outros.

Estudos demonstram que os sistemas de IA generativa frequentemente produzem imagens e representações visuais que favorecem traços eurocêtricos e brancos quando são utilizados comandos genéricos como "homem" ou "mulher". Já quando os prompts fazem referência a pessoas negras, por exemplo, os resultados reproduzem estereótipos raciais e de classe, revelando como as tecnologias reforçam e amplificam dispositivos de racialidade. Essas representações não são neutras, pois funcionam como signos que carregam significados sociais e culturais, o que remete à noção de **semiose algorítmica**, isto é, o modo como as máquinas passam a participar ativamente da produção e circulação de sentidos.

A reprodução de preconceitos também se verifica no campo da identidade de gênero. As inteligências artificiais, ao serem treinadas com dados enviesados ou limitados à lógica binária e heteronormativa, podem marginalizar expressões de gênero não conformes, contribuindo para a exclusão e invisibilização de pessoas trans, não-binárias e outras identidades fora do padrão hegemônico. Essa situação é agravada pela falta de diversidade nas equipes que desenvolvem essas tecnologias, bem como pela ausência de regulamentação específica.

A deficiência é outro eixo frequentemente ignorado nas discussões sobre IA. Muitos sistemas falham ao reconhecer adequadamente pessoas com deficiência, seja em contextos de reconhecimento de imagem, seja em análises de sentimentos. Isso

ocorre porque essas pessoas são sub-representadas nos dados utilizados para treinar os modelos, ou ainda porque há um viés implícito que associa a deficiência a sentimentos negativos, reforçando o **capacitismo algorítmico**.

Adicionalmente, há a preocupação com a **opacidade** desses sistemas, especialmente os baseados em *deep learning*, nos quais as decisões são tomadas por redes neurais com múltiplas camadas, cujo funcionamento interno é muitas vezes incompreensível até para especialistas. Essa característica levou à metáfora da "caixa-preta" da IA. Como resposta, emergiu a proposta da **Inteligência Artificial Explicável (XAI)**, que busca tornar os processos algorítmicos mais transparentes e auditáveis. A XAI oferece ferramentas para explicar os critérios utilizados pelos modelos de IA, permitindo uma avaliação crítica e ética de suas decisões, especialmente em áreas sensíveis como justiça, saúde e políticas públicas.

A literatura revisada reforça que a IA não é neutra nem objetiva. Ao contrário, ela carrega os valores, interesses e estruturas sociais daqueles que a desenvolvem e alimentam com dados. Por isso, torna-se fundamental repensar o desenvolvimento dessas tecnologias com foco na **inclusão, justiça social, diversidade cultural e responsabilidade ética**. É preciso ampliar os debates sobre as epistemologias que sustentam a IA, incorporar múltiplas perspectivas nos processos de criação e aplicar princípios de governança que assegurem sua utilização a favor da equidade, e não da exclusão.

CAPÍTULO 4 - Metodologia

4.1 TIPO DE PESQUISA (exploratória, qualitativa, etc.)

A pesquisa feita é do tipo descritivo e exploratório, ou seja, busca entender melhor como as pessoas pensam, sentem e percebem um determinado assunto, no caso, os preconceitos e os possíveis erros nos sistemas de inteligência artificial. É considerada exploratória porque investiga um tema atual e ainda pouco discutido por grande parte da população, sem partir de uma ideia pronta. O objetivo é abrir espaço para a reflexão e reunir diferentes pontos de vista sobre o assunto.

Ela também é uma pesquisa de caráter qualitativo, pois foca mais na compreensão das opiniões, experiências e percepções das pessoas do que em números. No entanto, utiliza também alguns elementos quantitativos, como gráficos e porcentagens, para organizar e visualizar melhor os dados obtidos.

Para a realização do estudo, foram utilizados principalmente textos, artigos e informações já publicadas sobre inteligência artificial e viés algorítmico. Além disso, foi aplicado um formulário online, com perguntas objetivas, para entender o que as pessoas sabem, já vivenciaram ou pensam sobre o tema.

4.2 Público-alvo

O público-alvo desta pesquisa correspondeu às pessoas que responderam ao questionário aplicado, composto por indivíduos de diferentes idades, níveis de escolaridade e experiências com tecnologia, especialmente com sistemas de inteligência artificial. O formulário foi disponibilizado ao público em geral, sem restrição, podendo ser respondido por qualquer pessoa com acesso à internet ou ao QR Code divulgado pela escola.

A intenção foi justamente alcançar respostas variadas, incluindo desde pessoas que nunca tiveram contato direto com IA até aquelas que já estudam ou trabalham na área. Dessa forma, foi possível compreender como diferentes perfis sociais como estudantes, trabalhadores, jovens e adultos, percebem os possíveis preconceitos presentes em sistemas automatizados, como assistentes virtuais, algoritmos de recomendação, reconhecimento facial e outras ferramentas baseadas em inteligência artificial.

Esse recorte possibilitou obter uma visão mais clara e próxima da realidade social, refletindo as opiniões e experiências dos respondentes sobre o tema.

4.3 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento utilizado foi um formulário digital, com perguntas fechadas de múltipla escolha e de uma maneira fácil, para que qualquer pessoa pudesse responder sem dificuldade. Esse formulário tem como objetivo explorar as experiências, dificuldades e preconceitos que as pessoas enfrentam utilizando a IA.

As perguntas foram divididas em partes. Primeiro, o formulário pergunta algumas informações sobre a pessoa que está respondendo, como idade, nível de escolaridade e se já teve contato com a inteligência artificial. Depois, as perguntas focam em saber se a pessoa já viu ou passou por alguma situação de preconceito causada pela IA, como por exemplo nas redes sociais, em entrevistas de emprego ou em reconhecimento facial. Também havia perguntas para descobrir o que a pessoa entende sobre o tema “viés em IA”, quais causas impactos percebem na sociedade. Também foram incluídas perguntas sobre a conscientização da população a respeito do tema e sobre possíveis formas de enfrentamento.

4.4 Procedimentos de Aplicação

O formulário foi aplicado de forma online, utilizando a ferramenta Google Forms. O link de acesso foi compartilhado em redes sociais e aplicativos de mensagens (como WhatsApp), permitindo que diferentes pessoas pudessem participar de maneira voluntária.

Além disso, foi gerado um QR Code que foi colocado em locais dentro do IFBA campus Valença, facilitando que estudantes, professores e visitantes tivessem acesso rápido ao questionário. Essa estratégia buscou ampliar a divulgação e incentivar maior diversidade de respostas.

A coleta ocorreu durante o mês de julho até agosto, e os participantes puderam responder de forma anônima e sem tempo limite para o preenchimento. Optou-se por esse formato de aplicação devido à sua facilidade de uso, alcance acessível e capacidade de atingir diferentes perfis de participantes.

4.5 Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados coletados pelo formulário digital foram organizados automaticamente pelo Google Forms e exportados para planilhas, o que possibilitou a tabulação das respostas em gráficos e porcentagens. A análise foi realizada de forma quantitativa, a partir da frequência das respostas, e qualitativa, considerando a interpretação crítica dos resultados em diálogo com a literatura revisada.

CAPÍTULO 5 - Discussão dos Resultados

5.1 Análise dos dados

As perguntas de perfil mostraram que a maior parte dos respondentes tinha menos de 18 anos, e entre 18 e 24 anos, e apresentava nível de escolaridade variado, predominando o Ensino Médio incompleto. Quanto ao contato com a inteligência artificial, observou-se que a maioria dos participantes declarou já utilizar ocasionalmente ou com frequência ferramentas que empregam IA, como assistentes virtuais e sistemas de recomendação.

Nas questões específicas sobre preconceito algorítmico, os resultados indicaram que uma parte significativa relatou já ter presenciado situações de discriminação em sistemas de IA, sobretudo em redes sociais. Entre os grupos apontados como mais afetados, destacaram-se pessoas negras, mulheres, comunidade LGBTQIA+ e pessoas com deficiência.

No entanto, um dado relevante observado foi que, ao serem questionados sobre o significado de “viés em IA”, percebe-se que grande parte dos participantes não sabe o que o termo significa, evidenciando que o tema ainda é pouco compreendido e discutido pela população em geral. Essa constatação reforça a importância de ampliar os debates em espaços públicos, educacionais e profissionais, a fim de aumentar a conscientização sobre os impactos sociais da inteligência artificial.

Assim, a análise dos dados permitiu identificar tanto percepções críticas quanto faltas de conhecimento, oferecendo uma visão ampla sobre como diferentes perfis sociais entendem e vivenciam os possíveis preconceitos presentes nos sistemas de inteligência artificial.

5. Resultados

Para análise dos dados obtidos, alguns gráficos foram construídos. A construção desses gráficos visava o melhor entendimento e melhor interpretação dos resultados. O Gráfico 1 indica que o público alcançado foi majoritariamente jovem. Isso foi confirmado pelo gráfico 2 que mostra que o público tem instrução de nível médio incompleto.

Gráfico 1

Como você descreveria seu nível de interação com Inteligência Artificial?

74 respostas

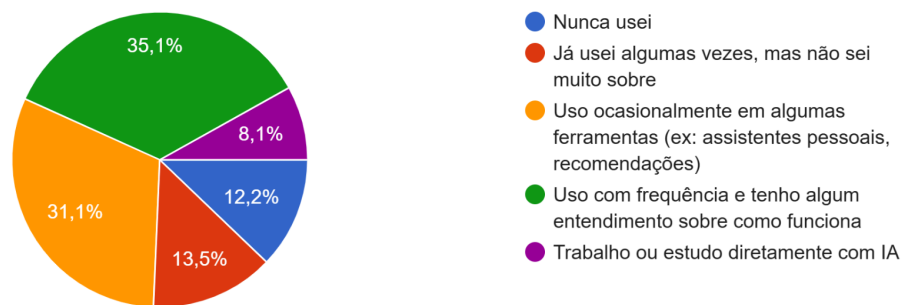
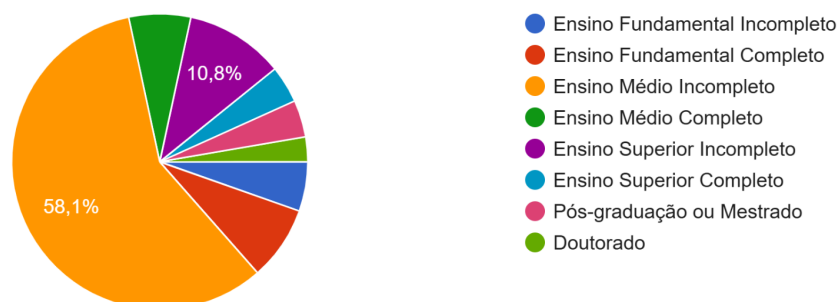


Gráfico 2

Qual o seu nível de escolaridade?

74 respostas

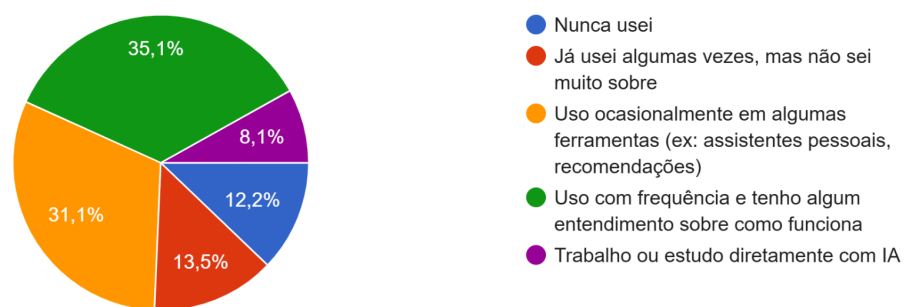


O formulário aplicado também colheu informações quanto ao uso de inteligência artificial no dia a dia das pessoas. Percebeu-se que a maioria dos participantes da pesquisa tem consciência de que usam inteligência artificial. Entretanto, 12,2% informaram que nunca utilizaram IA, o que se considera uma inconsistência. IA permeia completamente a sociedade atual e considera-se que todos os usuários de tecnologia utilizam naturalmente IA, direta ou indiretamente. Também se mostra inconsistente que a maioria dos participantes utilizam pouco ou nunca IA (56,8%). Isso se mostra problemático, pois se as pessoas não sabem que utilizam elas também não têm consciente do uso.

Gráfico 3

Como você descreveria seu nível de interação com Inteligência Artificial?

74 respostas



O Gráfico 4 mostra que quase metade da amostra do formulário aplicado indicou presenciar algum tipo de preconceito no uso de IA. Isso mostra que as pessoas reconheceram bastante o viés das IAs, porque mesmo com 56,8% afirmarem que pouco utilizam IA, 40,5% disseram que já identificaram algum tipo de preconceito.

Gráfico 4

VAMOS LÁ. 1. Você já presenciou ou identificou algum tipo de preconceito em sistemas de inteligência artificial?

74 respostas

